

Estudo do advérbio: perspectiva normativa vs perspectiva linguística

Adverb Study: normative perspective vs. linguistic perspective

Natanael Santos Oliveira

Graduando do 5º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: natanaelso@unipam.edu.br

Mateus Tavares Costa

Graduando do 5º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: mateuscosta@unipam.edu.br

Elizene S. Oliveira Nunes

Mestre em Estudos Linguísticos. Professora orientadora (UNIPAM).
E-mail: elizene@unipam.edu.br

Geovane Fernandes Caixeta

Doutor em Estudos Linguísticos. Professor coorientador (UNIPAM).
E-mail: geovane@unipam.edu.br

Gisele Carvalho de Araújo Caixeta

Mestre em Educação. Professora coorientadora (UNIPAM).
E-mail: gisele@unipam.edu.br

Resumo: O presente trabalho é um estudo sobre os advérbios nas perspectivas gramatical e linguística. As gramáticas normativas trazem diversas definições e classificações para essa classe de palavras; e a Linguística traz uma série de informações acerca da prescrição vs uso, bem como estudos críticos sobre essa classe de palavra. Após verificarmos o que dizem as gramáticas e alguns estudos linguísticos, analisamos um *corpus* de fala do Projeto ALIP – Banco de dados IBORUNA, com a finalidade de observarmos o uso dessa classe de palavra e de quantificarmos os advérbios, as locuções adverbiais e as palavras denotativas presentes, separando-os conforme o que modificam e/ou intensificam. Constatamos que há casos que a gramática não prevê e que há algumas variações possíveis. Por fim, já que as definições gramaticais não são suficientes para explicar todas as ocorrências dos usos de advérbios, remodelamos uma definição que consideramos adequada para essa classe.

Palavras-chave: Advérbio. Perspectiva normativa. Perspectiva Linguística.

Abstract: The present work is a study about adverbs in grammatical and linguistic perspectives. Normative grammarians bring several definitions and classifications to this word class; and Linguistics brings a series of information about prescription versus use, as well as critical studies about that word class. After verifying what grammarians and some linguistic studies claim, we have analyzed a speech corpus of the ALIP Project – IBORUNA database, in order to observe the use of this word class and quantify adverbs, adverbial phrases and denotative words present, separating them according to what they modify and/or intensify. We found out that there are cases grammar does not foresee and some possible variations. Finally, since

grammatical definitions are not sufficient to explain all occurrences about the use of adverbs, we have reshaped a definition that we consider appropriate for this class.

Keywords: Adverb. Normative perspective. Linguistic Perspective.

1 Considerações iniciais

A palavra advérbio é formada pelo prefixo *ad-*, que significa “aproximação” (FARIA, 1967, p. 27), e pelo vocábulo *verbum*, que significa “palavra” (*idem*, p. 1054). Dessa forma, as gramáticas normativas tendem a afirmar que o advérbio é a palavra “que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio” (CEGALLA, 2008, p. 259), uma vez que, geralmente, o advérbio encontra-se próximo a essas palavras.

Essa classe de palavras, desde muito tempo, desperta a curiosidade de vários pesquisadores, seja por sua posição, seja por sua flutuação quanto à classe gramatical, seja por sua classificação. No entanto, muitas definições encontradas em gramáticas normativas e manuais de gramática se mostram incompletas, ou seja, não preveem todas as ocorrências e não consideram situações reais de fala e de escrita.

Não raro, vemos situações em que o que o advérbio, por estar deslocado na oração (já que ordinariamente se encontra no fim dela, desempenhando a função sintática de adjunto adverbial), encontra-se no início e separado por vírgula, como em: “Infelizmente, a prefeitura falhou no socorro às vítimas da enchente” (FERREIRA, 2007, p. 390). Nesses casos, temos um advérbio que modifica toda a oração, mas a maioria das gramáticas não expõe acerca dessa ocorrência.

O conceito de variação também será abordado neste trabalho. As gramáticas afirmam que os advérbios são invariáveis, ou seja, não se flexionam em gênero e em número, e não derivam em grau (embora haja uma concessão registrada a esse último). Entretanto, além dessas variações trabalhadas na perspectiva normativa, há outras formas e notamos que alguns advérbios podem sofrer certos tipos de variações¹.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo verificar o que dizem as gramáticas normativas acerca do advérbio e das locuções adverbiais; examinar algumas discussões linguísticas acerca do uso da língua *versus* a prescrição linguística; observar o que é e qual a finalidade da entonação; e analisar a referida classe de palavras num *corpus*, que é a transcrição de uma conversa.

Tal *corpus* compõe-se de uma amostra de fala do Projeto ALIP – Banco de dados IBORUNA – e o objetivo da análise é evidenciar se os advérbios encontrados correspondem à visão da gramática normativa ou se estes podem encapsular toda a oração, período, ou até o parágrafo. Tentaremos, ainda, a partir dos dados encontrados, remodelar uma definição considerada adequada para essa classe de palavras. A análise será feita qualitativa e quantitativamente, pois é necessário saber não só a quantidade de advérbios utilizados e o que eles modificam, mas também se as prescrições da gramática normativa são suficientes para explicar os usos. Por fim, cumpre salientar

¹ Essas variações são de natureza ortográfico-fonéticas, como o “não” que varia para o “num”; ou entonacionais como em “ANtes disso da/éh:: antes de í(r) pa Telefônica” (01), retirado do corpus de fala. A primeira sílaba da palavra *antes* foi pronunciada de maneira enfática.

que as orações subordinadas adverbiais não serão consideradas neste trabalho e que não nos ativemos a nenhuma perspectiva linguística específica.

2 *Perspectiva gramatical*

Inicialmente, faz-se necessário um rastreamento bibliográfico em gramáticas normativas, a fim de sabermos o que elas afirmam acerca do advérbio e das locuções adverbiais. Para isso, selecionamos três gramáticas, apresentadas a seguir. Essas gramáticas foram escolhidas por serem as mais utilizadas nos cursos de Licenciatura; por estarem nas referências de livros didáticos e manuais de gramática; e por serem as mais utilizadas como referências em concursos públicos.

2.1 *Cegalla (2008)*

Cegalla define advérbio como sendo “uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio” (2008, p. 259). Afirma, ainda, que na análise sintática o advérbio exerce a função de adjunto adverbial e que a maioria dos advérbios modifica o verbo: “só os [advérbios] de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios” (2008, p. 259). Embora não afirme a invariabilidade do advérbio no capítulo correspondente a essa classe, ele o faz noutro lugar, após a lista das dez classes de palavras ou classes gramaticais, ao afirmar que as quatro últimas, nas quais se encontra o advérbio, são invariáveis, mesmo que alguns admitam flexão de grau: *cedo*, *cedinho*; *agora*, *agorinha*.

O autor classifica os advérbios em “de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo” (p. 259-260); leciona que os advérbios interrogativos “são as palavras *onde*, *aonde*, *donde*, *quando*, *como*, *porque*, nas interrogações diretas ou indiretas, referente às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa” (p. 260). E ainda define as locuções adverbiais como sendo as “expressões que têm a função dos advérbios” (p. 261) e, ordinariamente, começam por uma preposição.

A seguir, têm-se alguns dos exemplos de advérbios em Cegalla (2008, p. 259-260) e suas categorias:

afirmação: *sim*, *certamente*, *deveras*, *realmente*, *efetivamente*;
dúvida: *talvez*, *quicá*, *acaso*, *porventura*, *provavelmente*;
intensidade: *muito*, *mui*, *pouco*, *assaz*, *bastante*, *tão*, *demasiado*;
lugar: *abaixo*, *acima*, *acolá*, *cá*, *lá*, *aqui*;
modo: *bom*, *mal*, *assim*, *depressa*, *devagar*, *como*, e quase todos os advérbios terminados em *-mente*;
negação: *não*, *tampouco* (= também não);
tempo: *agora*, *hoje*, *amanhã*, *depois*, *ontem*, *anteontem*.

Quanto às palavras denotativas, as quais os gramáticos normativos tratam juntamente com os advérbios, vê-las-emos da perspectiva de Bechara (2004) no item 2.3. Elas evidenciam a dificuldade dessas gramáticas em classificar e explicar alguns

fatos da língua, que percebemos em conversas cotidianas e possivelmente se verificarão no *corpus* analisado.

Com base no exposto, podemos sintetizar que Cegalla (2008) leciona sobre o advérbio no aspecto formal, já que é invariável (p. 129); funcional, visto que modifica adjetivo, verbo ou outro advérbio (p. 259); e sintático, uma vez que exerce função de adjunto adverbial (p. 259).

2.2 Cunha & Cintra (2008)

Segundo Cunha e Cintra (2008), a função básica do advérbio é ser um modificador do verbo: “Você compreendeu-me *mal*”. Pode, no entanto, intensificar um adjetivo ou outro advérbio: “Ficara *completamente* imóvel”, “O homem caminhava *muito devagar*” (p. 555-556).

Afirmam, ainda, que alguns advérbios se evidenciam, não esporadicamente, alterando toda a oração: “*Infelizmente*, nem o médico lhes podia valer”. Saliente-se ainda que, a essa classe de palavras, agregam-se, convencionalmente, palavras de caráter nominal e pronominal com disposição e funções ocasionalmente muito diversas, tornando-a bastante heterogênea.

Os gramáticos classificam os advérbios da mesma forma que Cegalla (2008), levando em consideração suas circunstâncias; afirmam, no entanto, que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGB) acrescenta três categorias: *de ordem*, *de exclusão* e *de inclusão* (CUNHA; CINTRA, 2008), às quais a NGB classifica como palavras denotativas, das quais, como já dito, trataremos no item 2.3.

A conceituação de locução adverbial também está em conformidade com Cegalla (2008), acrescentam, no entanto, uma pequena observação:

quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma locução adverbial: de dentro, por detrás, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa locução prepositiva: dentro de, por detrás de, etc. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 559).

As definições de advérbio e locuções adverbiais em Cunha e Cintra (2008) são feitas do ponto de vista formal, visto que são palavras invariáveis (p. 91); funcional, já que modificam verbo, advérbio, adjetivo ou toda a oração (p. 555-556); e semântico, pois são palavras privativas, ou seja, conferem circunstâncias. (p. 555).

2.3 Bechara (2004)

Segundo Bechara (2004, p. 287), advérbio é “a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.)” Além da definição tradicional de que o advérbio pode modificar um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, o autor ainda afirma que o advérbio pode se referir a uma declaração inteira: “*Felizmente* José chegou’ (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio desse tipo geralmente exprime um *juízo pessoal* de

quem fala, e constitui a cláusula comentário)” (BECHARA, 2004, p. 288, grifo nosso). Esse “juízo pessoal de quem fala” pode ser definido como modalizadores, ou seja, elementos subjetivos com valor argumentativo usados pelos falantes para expressar uma opinião própria.

O gramático ainda atesta que, além da função sintática de adjunto adverbial, o advérbio pode assumir a função de predicativo do sujeito: “A vida é *assim*” e pode modificar também substantivos, “quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: Pessoas *assim* não merecem nossa atenção” (BECHARA, 2004, p. 288).

Ademais, demonstra que alguns advérbios cumprem melhor sua função caso sejam precedidos de preposição: “*Por agora*, estão encerrados os trabalhos”; e que alguns advérbios podem ser classificados como conjunções devido à mobilidade, como em “Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião” (BECHARA, 2004, p. 288).²

No que diz respeito à locução adverbial, o gramático ensina que é “o grupo formado geralmente de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio” (BECHARA, 2004, p. 289), e exemplifica com *de graça*, *com efeito*, *às vezes*, *por prazer*, *sem dúvida* etc. Leciona também que o substantivo presente nestas locuções pode estar tanto no singular quanto no plural, tanto no masculino quanto no feminino; e que, em alguns casos, a preposição pode ser omitida, como em “Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas” (BECHARA, 2004, p. 290).

As principais circunstâncias expressas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais propostas por Bechara (2004, p. 290-291) são: assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação. Traz, ainda, o que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) chama de denotadores, mesmo sem inclui-los rigorosamente à classe dos advérbios e colocando-os à parte. Os denotadores coincidem, “em parte, com a proposta de José Oiticica³” (BECHARA, 2004, p. 291), que veremos mais adiante.

Uma observação particularmente importante apresentada por Bechara é a de que o advérbio, por possuir bastante flexibilidade numa oração (podendo vir tanto dentro do predicado verbal, quanto antes ou depois do sujeito), possui “certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante” (2004, p. 290). Tal observação, embora incomum em gramáticas normativas, é de comprovada veracidade, já que se observa essa realidade em conversas cotidianas e aparece no *corpus* analisado, como em “ANtes disso da/éh:: antes de í(r) pa Telefônica” (01), no qual a primeira sílaba do advérbio *antes* foi pronunciada com mais força, e por isso grafada com letras maiúsculas na transcrição.

Dessa forma, Bechara (2004) apresenta definições de advérbio e locuções adverbiais do ponto de vista funcional, visto que é uma expressão modificadora (p.

² Um importante estudo sobre a flutuação da categoria advérbio é o realizado por Palhares *et al.* (2012). O artigo está disponível em: <<https://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao156/Revista/adverbios.pdf>>.

³ Os estudos de Oiticica (1950) foram analisados e serão mencionados mais adiante.

287); semântico, pois denota uma circunstância (p. 287); e sintático, já que exerce função de adjunto adverbial (p. 287).

3 *Perspectivas linguísticas*

Embora as gramáticas atuais tragam definições bastante similares para a classe dos advérbios, desde muito tempo já se notavam diferenças. Bomfim (1988, p. 5) afirma que “essa aparente concordância não resiste a um exame mais acurado. Basta atentar para a variação [...] dos elementos que integram as listas de exemplos”. Assim, faz-se necessária uma análise acerca da noção de advérbio, para verificar se as definições tradicionais explicam, de fato, a natureza dessa classe de palavras.

Entre outras colocações, destaca-se o que Bomfim (1988) percebe acerca dos advérbios de intensidade, que as gramáticas costumam dizer que se relacionam a adjetivos ou a outros advérbios (CEGALLA, 2008, p. 259; CUNHA; CINTRA, 2008, p. 555; BECHARA, 2004, p. 287), nem sempre estão ligados a essas classes. Em “Amou muito” temos um advérbio intensificando um verbo.

Outra observação importante que nem todas as gramáticas normativas apresentam é que o uso dos advérbios pode ter natureza argumentativa, trazendo a opinião do falante / escritor, como em “*terrivelmente* cruel; *incrivelmente* pálido; *desnecessariamente* severo; *hipocritamente* amável” (BOMFIM, 1988, p. 11-12). Têm-se, nesses casos, advérbios carregados de subjetividade e valor argumentativo, modalizando os discursos.

De acordo com Possenti (1996), as gramáticas não surgiram com o objetivo de se ensinar como se *deve* escrever, mas “organizar certos princípios de leitura que permitissem ler textos antigos” (p. 55), e declara que foram feitas pelos gregos por volta do século II a. C. Assim, embora as gramáticas normativas sejam de cunho prescritivo, caracterizando-se como conjunto de regras, de reflexões e de classificações a respeito de uma língua, elas deveriam ocupar-se em descrever os fatos da língua, para possibilitar a leitura de textos diversos.

Nesse sentido, Silva (1989, p. 12) afirma que a gramática tradicional

pretende estabelecer as regras de uma língua e através delas ensinar a língua àqueles que já a dominam. Há uma contradição nessa definição: se os aprendizes já dominam a língua, a gramática nada terá a ensiná-los. De fato, a gramática tradicional estabelece regras de um predeterminado modelo ou padrão da língua e também algumas regras daquela variante que é a padrão.

Em contrapartida, a Linguística estuda, com rigor científico e de forma descritiva, as variantes de uma língua. Consideremos o advérbio *não*. A maioria das gramáticas o classifica como invariável. Entretanto, Oiticica (1950) sequer o considera como advérbio, mas como palavra denotativa (p. 45). Tal palavra apresenta

duas variantes, ou seja, duas possibilidades para a realização da negação em uma frase, sendo elas “num” e “não”. A primeira é uma variante considerada não padrão, e usada de maneira adequada em situações informais de conversa com os amigos e familiares, em momentos de descontração e relaxamento; e a

segunda é considerada padrão, que segue os preceitos normativos da língua e que é usada também em situações informais, mas que é interessante e adequado que sempre apareça em momentos de formalidade, e vale dizer tanto escritos como orais (SILVA; AQUINO, 2016).

As gramáticas normativas apresentam o “não” como advérbio de negação (CEGALLA, 2008, p. 260; CUNHA; CINTRA, 2008, p. 557; BECHARA 2004, p. 291), sem, no entanto, apresentar a variação “num”, que evidentemente ocorre constantemente na língua falada e foi encontrada 35 vezes no *corpus* analisado. Dessa forma, temos que os advérbios, mesmo que sejam palavras invariáveis na perspectiva normativa, sofrem variações na fala em situações reais, ainda que essas variações não sejam de gênero e número, nem sejam registradas nas supracitadas gramáticas.

Conforme defendido por Bagno (2007), em termos de língua não vale tudo, mas tudo vale alguma coisa. Ele descreve que esse valor linguístico depende do ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da *adequabilidade*, que está relacionado ao modo adequado de se expressar em determinadas situações, sejam elas informais, sejam formais, e o da *aceitabilidade*, que é aquilo que consideramos aceitável para se dizer ao nosso interlocutor ou aos nossos interlocutores.

No *corpus* de fala, a variação “num” é adequada ao contexto e aceita pelos falantes envolvidos, já que o falante se expressa de acordo com as suas experiências socioculturais, e não se exigiu uma formalidade artificial durante a coleta de dados. Cabe ressaltar que o linguajar utilizado pelo indivíduo no *corpus* em questão está relacionado ao fato de ele pertencer a uma cidade do interior (São José do Rio Preto, SP).

Como sabemos, a Sociolinguística visa a estudar e a valorizar as relações entre língua e sociedade, bem como os modos como essa língua é usada em diferentes contextos sociais. Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente existirão inúmeras formas de variações linguísticas, e, como já foi dito, os advérbios também são passíveis dessas variações. Em todas as comunidades de fala,

são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística (TARALLO, 1997, p. 8).

Outro ponto interessante a ser levado em consideração é que existem inúmeros recursos linguísticos utilizados no português falado que não são abordados pela gramática tradicional (pelo fato de ela ser prescritiva). Um desses recursos não abordados é o relevo, que, na fala, pode ser empregado em diversos elementos, assim como em advérbios e em locuções adverbiais. Denomina-se relevo

o fenômeno de o falante, ao falar, formulando, construindo seu texto:

a) dar destaque a determinados elementos dentro desse mesmo texto, colocando-os em proeminência em relação a outros; ou

b) fazer um rebaixamento, “ocultamento” de determinados elementos em relação a outros (TRAVAGLIA, 1999, p. 77).

Nota-se que o relevo pode ser dividido em positivo, visto em “a”, e negativo, visto em “b”. Ainda de acordo com o autor, aparentemente,

o falante dá relevo a elementos dentro do desenvolvimento do tópico discursivo por razões diversas, sobretudo por razões ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções. O relevo, assim, estaria ligado à estrutura ideacional e interacional do texto (TRAVAGLIA, 1999, p. 78).

Isso concorda com o exposto em Bechara (2004, p. 288), como mostramos anteriormente, que afirma que o contorno entonacional está a serviço do “juízo pessoal de quem fala”. Por exemplo, quando alguém diz “*Infelizmente*, eu não vou poder ir à sua casa”, ele pode mudar a entonação da voz para realçar o advérbio presente, dando ênfase ao lamento com relação ao que diz, ou seja, demonstra o impacto emocional que esse fato tem sobre ele. No *corpus* de fala, há diversas ocorrências desse fenômeno, que exporemos mais adiante.

Em suma, temos os seguintes tipos de relevos:

- 1) relevo emocional, em que o falante dá destaque a determinados elementos e/ou passagens do texto, em consequência de seu envolvimento emocional com o que diz, do impacto emocional que ideias ou fatos têm sobre o falante;
- 2) relevo argumentativo, quando o falante destaca uma informação ou argumento que ele julga fundamental dentro do que ele diz, para se chegar à conclusão que ele deseja;
- 3) relevo ideacional/cognitivo, quando o falante aponta determinados elementos como importantes para as ideias que estão sendo colocadas (TRAVAGLIA, 1999, p. 81).

Em consonância com Wilson e Martelotta (2013, p. 82), do ponto de vista pragmático, “algumas frases não são ditas nos mesmos contextos comunicativos”. No *corpus* analisado, isso foi observado. Por exemplo, ao invés de o falante dizer “Eu estava conversando com ela esses dias”, ele diz “Esses dias eu tava conversan(d)o com ela” (02). Nota-se que o falante optou por deslocar a locução adverbial *esses dias* para dar ênfase no tempo em que ele conversou com a amiga. Essa ocorrência é chamada de focalização, um

fenômeno de natureza discursivo-pragmática, pois o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. Pode ser definida, assim, como o *highlighting* dado pelo falante à porção do enunciado na qual ele considera estar o núcleo da informação. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. (GONÇALVES, 1998, p. 33).

Tanto o relevo quanto a focalização são pouco considerados pelos gramáticos, pois o foco da gramática normativa não está relacionado a fatores emocionais, ideacionais e cognitivos; e os recursos argumentativos pouco são tratados e, quando o são, não se cita o relevo - apenas Bechara (2004, p. 288) apresenta a questão do valor argumentativo dos advérbios. No entanto, são recursos bastante considerados e estudados pelos linguistas de diversas correntes e, pelo que se pôde observar, bastante presentes no *corpus* analisado.

4 Análise do corpus

Com o objetivo de verificar o uso de advérbios *versus* a visão da gramática normativa e perceber como o falante usa os advérbios, além de ver se estes possuem um caráter “encapsulador”, analisamos uma das amostras do Projeto ALIP⁴ – Banco de dados IBORUNA. Esse *corpus* compõe-se de uma amostra-censo de uma entrevista transcrita, cujo entrevistado era um homem de 31 anos, de São José do Rio Preto e com Ensino Médio completo. A entrevista durou 22 minutos e 25 segundos e contém narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

Ao analisarmos, encontramos diversos advérbios e locuções adverbiais, bem como palavras denotativas e casos não previstos pela gramática normativa. Vimos que os advérbios modificavam ora o verbo, ora a oração. Outros intensificavam adjetivos ou ainda outros advérbios. Para melhor ilustrarmos esses dados encontrados, separamos a análise em partes, conforme a natureza dos termos modificados ou intensificados pelos advérbios.

Os advérbios repetidos não foram contados duas vezes, e as orações subordinadas adverbiais não foram consideradas. As locuções adverbiais, no entanto, foram contabilizadas juntamente com os advérbios, sendo separadas conforme a natureza dos termos que modificavam ou intensificavam, e não encontramos advérbios ou locuções que intensificam outros advérbios. O Quadro 1, a seguir, mostra os tipos de advérbios encontrados no *corpus* e suas quantidades.

Quadro 1: Advérbios, locuções adverbiais e palavras denotativas encontrados no *corpus* e o que modificam / intensificam

Tipos	Quantidade	Percentual
Modificam o verbo	44	62%
Intensificam o adjetivo	3	4,2%
Modificam a oração	16	22,5%
Palavras denotativas	8	11,3%
TOTAL	71	100%

Fonte: Autores (2019).

⁴ O Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista tem por objetivo basilar a descrição do português falado no interior de São Paulo. O banco de dados, bem como os equipamentos utilizados e a capacitação dos membros da equipe técnica, foi subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Todas as amostras estão disponíveis no endereço <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=36>.

4.1 Advérbios e locuções adverbiais que modificam verbos

Os advérbios e locuções que se relacionam ao verbo são palavras que expressam circunstâncias do processo verbal, podendo, assim, ser classificados como determinantes. Os advérbios e locuções adverbiais encontrados no *corpus* que modificam o verbo estão listados a seguir: *da tarde, no celular, pa Telefônica, pra Telefônica, da Telefônica,, no banco, po banco, pro banco, à cozinha, pra cozinha, pa cozinha, numa calçada, num quarto, num lugar, na minha cabeça, na minha casa, na casa, na gelade(i)ra, no fogo, na massa, no ônibus, de frente, num estacionamento, no hospital de base, pra cara, pa trás, na polí::cia, pa minha cabeça, quatro a::nos, duas semanas, agora hoje, cerca de dois minutos, em frente, de novo, a pé, na BR-153, inte(i)rinha, de: frente(i)ra minas gerais, tarde, não, hoje, lá, c'as portas travadas, no bolso do brasile(i)ro.*

Quando modifica um verbo, o advérbio pode acrescentar várias ideias, tais como:

- Lugar:** “tinha um amigo meu que precisava í(r) **lá** tam(b)ém...” (03);
Modo: “é eu ando sempre com o carro **com as portas travadas...**” (04);
Tempo: “e como tava falan(d)o **ontem** à noite agora concluí o meu quarto...” (05).

No fragmento (03), o advérbio de lugar *lá* funcionou como determinante do verbo *ir*, determinando a que lugar em que se vai; no (04), a locução adverbial *com as portas travadas* demonstrou o modo como o carro permanece quando ele dirige; e no (05), o advérbio *ontem* determinou o tempo em que o informante estava *falando*.

4.2 Locuções adverbiais que intensificam adjetivos

Quando modifica um adjetivo, o advérbio acrescenta a ideia de intensidade. No *corpus* foram encontrados apenas três exemplos desse tipo, mostrados abaixo:

- “E as cores da(da o(u)tra parede então fico(u) um tom assim **bem** bonito...” (06);
 “Ou da Maizena é que ele ficam **mais** fofinho assim o ome/ e num gruda...” (07);
 “Acho que é muito diNHE(i)ro envolvido nós somo(s) um país **muito** Rico em petróleo...” (08).

No fragmento (06), o advérbio *bem* intensificou o adjetivo *bonito*, ficando assim, “bem bonito”; no (07), o advérbio *mais* intensificou o adjetivo *fofinho*, ficando assim, “bem fofinho”; e no (08), o advérbio *muito* intensificou o adjetivo *rico*, desta forma: “muito rico”.

Cabe ressaltar que a palavra *assim*, classificada como advérbio de modo pelas gramáticas analisadas (CEGALLA, 2008, p. 260; CUNHA; CINTRA, 2008, p. 557; BECHARA, 2004, p. 291), não funciona como tal nos fragmentos (06) e (07). Ela foi usada pelo informante apenas como marcadores discursivos, com o intuito de ganhar tempo na organização da sequência do discurso.

4.3 Advérbios e locuções adverbiais que modificam orações

Ao analisarmos o *corpus*, encontramos os seguintes advérbios e locuções adverbiais que modificam orações: *sempre, depois, muito, recentemente, tam(b)ém, da tarde, com esse amigo meu, pa saí(r), pa de(i)xá(r), do banco, emba(i)xo, agora, hoje em dia, praticamente, a tarde, últimas duas semanas.*

Quando o falante emitiu a seguinte informação: “*hoje em dia eu acho que é muito difícil você pará(r) de num de você num pode usá(r) o seu veículo...*” (09), a locução *hoje em dia* modificou todo o período, dando-lhe caráter de atualidade. O mesmo acontece nas linhas em “*recentemente lá na/ na minha casa tinha um/ tinha um quintal lá que tinha... GRAMA*” (10).

4.4 Palavras denotativas

Evidenciamos, no *corpus*, as seguintes palavras denotativas: *tam(b)ém, lá, só, então:, é que, inclusive.*

As circunstâncias expressas por essas palavras denotativas e os exemplos encontrados no *corpus* são apresentados abaixo:

Inclusão: “*inclusive eu fui tentá(r) abrí(r) a porta pa saí(r) pa de(i)xá(r) ele ro(u)bá(r)*” (11);

“*nós passamo(s) textura também... d’uma cor...*” (12).

Realce: “*porque só isso resolveria... o nosso problema*” (13).

“*a gente vai lá na gelade(i)ra e assalto lá o que que tivé(r)*” (14);

“*o efeito que dá do pó Royal... ou da Maizena é que ele ficam mais fofinho*” (15).

Situação: “*então eu acho que a gente tinha que:... sei lá fazê(r) uma forma aí um protes::to*” (16).

No fragmento (11), temos a palavra *inclusive*, que inclui uma nova ideia ao que o informante estava relatando; no (12), a palavra *também* inclui uma textura à cor que o informante utilizou para pintar sua casa; no (13), temos a palavra *só*, que realça a importância e eficiência de uma ação, citada anteriormente, para a resolução de um problema; no (14), a palavra *lá* realça a ideia de local onde se deve ir, “na geladeira”; no (15), temos a expressão *é que*, que realça a ação do pó Royal; e no (16), a palavra *então* encerra a ideia do informante, findando a situação comunicativa.

4.5 Ocorrências desamparadas pela perspectiva normativa

Os advérbios, as locuções adverbiais e as orações subordinadas adverbiais são estruturas que possuem certa complexidade pelo fato de transitarem entre a área lexical e a área gramatical. Observamos que as gramáticas normativas analisadas nada afirmam acerca de alguns sintagmas compostos por mais de uma locução adverbial e um advérbio. A seguir listam-se os casos encontrados no *corpus*: *aqui no escritório da ASSENT, lá tam(b)ém, sempre com o carro com as portas travadas, hoje até:: as três da manhã, aqui na empresa, ontem à noite agora, de fora da minha casa todas, em frente da Telefônica, num*

estacionamento de 'um:: supermercado, com uma pessoa dentro do carro, aí de repente daí, aqui:: inclusive, no fogo ba(i)xinho, hoje no mercado.

Vejamus este exemplo do *corpus*: “aqui no escritório da ASSENT...” (17). A gramática normativa não diz se a divisão da expressão acima deveria ser um advérbio locativo (aqui) e uma locução adverbial (no escritório da ASSENT); ou se seria uma só locução adverbial (Aqui no escritório da ASSENT). O mesmo acontece no outro exemplo a seguir: “Sempre com o carro com as portas travadas...” (18). Não se sabe também se seria um advérbio (sempre) e duas locuções adverbiais (com o carro; com as portas travadas) ou se seria uma só locução adverbial (Sempre com o carro com as portas travadas). E ainda em “várias técnicas hoje no mercado de textura”; não está estabelecido se temos um advérbio (hoje) e uma locução adverbial (no mercado de textura), ou apenas uma locução adverbial (hoje no mercado de textura).

Como já afirmamos, embora seja uma classe de palavras invariáveis, os advérbios podem sofrer variações na modalidade falada da língua. Por exemplo: ao invés de o informante dizer “para a Telefônica”, como prevê a gramática normativa, ele diz “pa telefônica” (19) ou “pra telefônica...” (20). Isso confirma o que afirmamos anteriormente, que os advérbios podem sofrer alguns tipos de variação na oralidade.

Por fim, cabe evidenciar que não encontramos no *corpus* nenhum exemplo de advérbios ou locuções adverbiais que intensificam outros advérbios, embora sejam bastante recorrentes e demonstrados em gramáticas. Esse tipo de advérbio pode não ter sido evidenciado devido ao fato de analisarmos somente uma amostra, de tamanho reduzido. No entanto, um *corpus* maior, possivelmente, conterà exemplos desse tipo de advérbios.

5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi mostrar o que as gramáticas normativas afirmam acerca da natureza do advérbio, suas funções e suas peculiaridades. Isso foi exposto na visão de três gramáticas: Cegalla (2008), Cunha; Cintra (2008) e Bechara (2004). Depois apresentamos a visão de alguns linguistas sobre a prescrição gramatical *versus* a prática linguística. Enquanto a gramática normativa leva em consideração, na sua maioria, somente frases soltas (ou no máximo ocorrências na Literatura), a Linguística considera o falante em seu contexto, e por mais que não entenda a metalinguagem tradicional, é um “falante gramático”, pois sabe muito bem fazer as escolhas de cada advérbio para cada situação apresentada e essa escolha é intencional, não aleatória.

Para cumprir com os objetivos, analisamos uma amostra de fala do Projeto ALIP – Banco de dados IBORUNA, a fim de contabilizarmos os advérbios e locuções adverbiais, bem como as palavras denotativas, e analisá-las individualmente para sabermos como eram usadas. As locuções adverbiais foram contadas junto com os advérbios, e as orações subordinadas adverbiais foram desconsideradas. Encontramos casos não previstos pela gramática normativa; estes casos foram colocados à parte, e explicamos porque estes casos não são tratados pelas gramáticas normativas.

Percebemos que, em muitos casos, os advérbios são pronunciados com uma entonação diferente. Esse relevo criado tem o objetivo de enfatizar alguns dados, e é feito no advérbio ou próximo a ele. Essa carga expressiva deve-se ao fato de o advérbio

conferir circunstância a um verbo, adjetivo, advérbio ou a uma oração. Sua mobilidade garante também essa autonomia fonética e valor de expressividade – não considerada pela gramática normativa, mas estudada pela Linguística.

Percebemos ainda que o falante utiliza um número menor de advérbios em determinados contextos. Quando foi pedido ao entrevistado que relatasse um procedimento, o número de advérbios usados foi menor que nas demais partes da entrevista, por exemplo.

Por fim, percebemos que a melhor definição de advérbio, não encontrada em nenhuma gramática, seria de que é uma palavra que não sofre variação de gênero e número, mas que sofre variações fônicas e lexicais na oralidade, e que permite algumas derivações de grau. Os advérbios conferem circunstâncias a verbos e podem intensificar adjetivos ou outros advérbios, bem como encapsular toda uma oração, período ou parágrafo, de acordo com a avaliação de quem fala ou escreve. Em alguns casos, pode ser pronunciado enfaticamente, caracterizando certo relevo entonacional.

Uma análise em um *corpus* maior pode evidenciar novas ocorrências de advérbios e locuções adverbiais não previstas pela gramática normativa, levando a novas conclusões e possível aprimoramento da definição dessa classe de palavra. Além disso, um estudo quantitativo pode revelar um maior uso de advérbios em algum gênero textual diverso da entrevista, bem como quantidades diferentes, levando-se em conta região, escolaridade, sexo e idade dos informantes.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerana, 2004.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas*. 1998. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2182>. Acesso em: 17 abr. 2019.

OITICICA, José. *Manual de análise: léxica e sintática*. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1950.

PALHARES, Laura Nunes *et al.* Advérbios: seu caráter multifuncional e sua abordagem pedagógica – uma proposta de revisão. In: *Educação & Docência*, [s.l.], ano 2, número 2, fev. 2012, p. 66-82. Disponível em: <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao156/Revista/adverbios.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

SILVA, Rosa Mattos. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

SILVA, Laís de Almeida; AQUINO, Maria de Fátima de Souza. Sociolinguística: a variação e o ensino em sala de aula. In: *III CONEDU – Congresso Nacional de Educação*. v. 1, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA15_ID5358_15082016200226.pdf. Acesso em: 08 abr. 2019.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p. 77-130.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-85.